

Colegiado de Gestão da Fepecs

Ata da 30ª Reunião Ordinária

1 Aos cinco dias do mês de abril do ano de dois mil e treze, às nove horas e vinte
2 minutos, na Sala Multiuso da Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde-
3 Fepecs, localizada no SMHN, Quadra 03, Conjunto A, Bloco 01, ed. Fepecs, em
4 Brasília-DF, deu-se início à trigésima Reunião Ordinária do Colegiado de Gestão da
5 Fepecs, com a presença dos membros: **Berardo Augusto Nunan/CODEP, Carlos**
6 **Augusto de Medeiros/ASPE, Ena de Araújo Galvão/ETESB, Fábio Ferreira**
7 **Amorim/CPEX, Karlo Jozefo Quadros de Almeida/CPEq, Leonora de Araújo Pinto**
8 **Teixeira/CCE, Luzia Helena Gomes de Sousa/CG, Maria Dilma Alves**
9 **Teodoro/ESCS, Paulo Roberto Silva/CCM** e da Coordenadora **Gislene Regina de**
10 **Sousa Capitani/DE**, que presidiu os trabalhos. Inicialmente, foram justificadas as
11 ausências de Anderson Cardoso de Araújo/PROJUR e Lidiane Maia dos Santos/BCE.
12 Convidada da Fepecs: Olímpia de Lourdes Campos Vidigal/PROJUR. Em seguida, a
13 Dra. Gislene apresentou e desejou boas-vindas ao novo Coordenador de Cursos de
14 Pós-Graduação e Extensão da Escola Superior de Ciências da Saúde-ESCS, Dr. Fábio
15 Ferreira Amorim. Depois de verificada e confirmada a existência de quórum e
16 assinadas atas pendentes, a Dra. Gislene comentou rapidamente que não foi realizada
17 a reunião do grupo de trabalho responsável pela transformação da ESCS em
18 universidade, prevista para esta semana. Informou que o documento que propõe a
19 equiparação dos valores pagos aos cargos comissionados da Fepecs aos demais
20 cargos do Governo do Distrito Federal, equivalente a um acréscimo de R\$ 135 mil, está
21 com a Chefe de Gabinete da Secretaria de Administração. Destacou a importância
22 desta atualização a fim de possibilitar que os ocupantes de cargos comissionados
23 desta Fundação, em especial daqueles que não são servidores, continuem
24 trabalhando, pois os valores atuais são irrisórios e desmotivadores. Falou que os
25 encaminhamentos para oficializar a reestruturação da Fepecs só serão iniciados a
26 partir da publicação no Diário Oficial do Distrito Federal da autorização desta
27 equiparação. Por enquanto, seria feita apenas a ampliação do debate no âmbito da
28 Fepecs. Para a Dra. Olímpia, a atualização dos cargos de Gerente de Contencioso
29 Administrativo e de Gerente de Contratos e Convênios não foi satisfatória. A Dra.
30 Gislene disse que, nesse momento, não modificará nenhum cargo constante da
31 proposta, devido ao valor total da atualização ser alto, o que poderá dificultar sua
32 autorização. Mas quando a estrutura da universidade for autorizada, poderá ser
33 avaliada a possibilidade de alteração de alguns cargos. Observou que foi decidido,
34 durante reunião do Colegiado de Gestão da SES, que os ocupantes de cargos
35 comissionados com símbolo CNE também baterão ponto eletrônico, não por ser
36 obrigatório, mas com o objetivo de dar exemplo. A Dra. Gislene pediu aos gestores
37 que folheassem o Plano Distrital de Saúde 2012-2015, especialmente o que diz
38 respeito à Fepecs. Dando início à Ordem do Dia, **item 1.1. Estrutura organizacional**
39 **da Fepecs** – considerando que os gestores ficaram de estudar, analisar e apresentar a
40 justificativa do porque de cada caixinha constante da proposta, que a PROJUR foi a
41 única que atendeu essa demanda, até o momento, a Dra. Gislene passou à
42 apresentação da proposta da estrutura organizacional, observando que ela poderá ser
43 aprovada ou não. Caso a universidade seja aprovada, passará a ter um reitor e, caso
44 não, como escola, permanecerá com o cargo de Diretor. Pediu a colaboração dos
45 gestores no sentido de ajudá-la para que a proposta possa ser aprovada o mais rápido

Colegiado de Gestão da Fepecs

Ata da 30ª Reunião Ordinária

46 possível, uma vez que 2014 será um ano político. Assim, a partir de abril/2014
47 começará a descompatibilização daqueles que irão se candidatar como parece ser,
48 segundo a imprensa local, o caso do atual Secretário de Saúde. O Prof. Carlos
49 observou que a Diretora Executiva passaria a apresentar uma estrutura organizacional
50 e não um organograma, que teria os vínculos de subordinação com os quais a atual
51 gestão da Fepecs está tentando romper e fazer uma nova estrutura, de forma mais
52 matricial. Desta forma, foi levada em conta uma lógica que é mais moderna na
53 organização da estrutura da Fepecs, via matriz. Por esse motivo, os gestores
54 participaram do curso ministrado pelo Instituto Publix para facilitar a compreensão.
55 Porém, infelizmente, grande parte da proposta ainda se apresentava de forma
56 tradicional e hierárquica, por causa de limitações técnicas existentes, que poderão ser
57 sanadas em discussões com a Subsecretaria de Modernização da Secretaria de
58 Administração. Observou também, que esta proposta seria apresentada ao Grupo de
59 Trabalho da universidade como a proposta da Fepecs. Passando à apresentação, a
60 Dra. Gislene iniciou informando que os Colegiados não compõem a estrutura
61 organizacional, só foram colocados na apresentação para demonstrar como será feita a
62 gestão democrática de uma instituição de ensino superior. Explicou que apesar de
63 também existirem os Colegiados Setoriais, para facilitar, foram incluídos apenas os
64 Conselhos Superiores compostos pelo Conselho Superior, que se reúne anualmente,
65 pelo CEPE e suas Câmaras Técnicas, formando a gestão acadêmica, e pelo Conselho
66 Gestor e suas Câmaras Técnicas, compondo a gestão administrativa. Explicou que, na
67 gestão matricial para resultados, não se pode considerar a existência de apenas uma
68 chefia, no mínimo, existe um gestor administrativo e um gestor técnico que atuam
69 numa cogestão, compartilhando o poder e contribuindo com seu arsenal de
70 competências. Portanto, em relação à pró-reitoria de administração, a subordinação
71 constante na proposta apresentada trata-se de uma subordinação administrativa, ou
72 seja, a quem o servidor se reportará quando houver a necessidade de faltar ao serviço,
73 por exemplo. De tal modo, existe a reitoria e a pró-reitoria, porque é impossível a
74 reitoria funcionar sem a colaboração do pró-reitor. Esclareceu que a Fepecs
75 permanecerá como mantenedora, com CNPJ e com os Conselhos Deliberativo e
76 Fiscal, mas a Direção Executiva ficará sob a responsabilidade do reitor. Além disso,
77 ainda pretende propor no GT da UNISUS, nomeado pelo Secretário de Saúde, que a
78 presidência da Fepecs também fique com o reitor. Explicou que a partir de sua gestão
79 pôde perceber que o poder da Direção Executiva desta Fundação é limitado, pois as
80 decisões mais estratégicas são tomadas pelo Presidente. Portanto, se a presidência
81 da Fepecs não ficar a cargo do reitor, a situação desta Fundação permanecerá a
82 mesma em termos da baixa autonomia hoje existente, o que não cabe
83 institucionalmente a uma universidade. Defendeu que seja feito na Fepecs como
84 acontece na Fundação Hemocentro de Brasília, onde a Diretoria Executiva é a
85 Presidência da instituição, e o Secretário de Saúde é o Presidente do Conselho
86 Deliberativo, por onde passam todas as grandes decisões político-institucionais da
87 Fundação, o que é absolutamente procedente, visto que pretendemos criar uma
88 universidade que se mantenha vinculada à Secretaria de Saúde. A Dra. Gislene
89 colocou que quando apresentava esta proposta para o Conselho Deliberativo, um dos
90 Conselheiros informou que na Fundação Universidade de Brasília-FUB está sendo

Colegiado de Gestão da Fepecs

Ata da 30ª Reunião Ordinária

91 debatida a revisão da sua estrutura e está em pauta que o vice-reitor possa assumir a
92 diretoria executiva da FUB, logo, os assuntos administrativos estariam a seu cargo e o
93 reitor então assumiria a presidência da FUB e, conseqüentemente, ficaria mais focado
94 nas questões acadêmicas, talvez esse seja um projeto interessante a pensar, mas
95 ainda precisa ser visto mais detalhadamente. Dando sequência à apresentação, falou
96 sobre as três Pró-Reitorias de Assuntos Acadêmicos, de Integração Ensino-Serviço-
97 Comunidade e de Administração, quanto ao pontilhado significa que se trata de gestão
98 matricial. As coordenações e diretorias estão vinculadas matricialmente e irão se
99 reportar às três pró-reitorias, conforme a demanda. A Profa. Ena disse ter se reunido
100 com sua equipe para tratar sobre o assunto e falou que discordava da posição em que
101 a Escola Técnica de Saúde de Brasília-ETESB está disposta na proposta apresentada,
102 pois esta posição deixa a Escola Técnica numa enorme fragilidade, justificando que
103 sua preocupação não é com a atual gestão, mas com relação às próximas. Citou que
104 várias escolas técnicas das Universidades do Rio Grande do Norte, de Campinas-SP e
105 de Uberlândia-MG, estão vinculadas diretamente à reitoria e não a instâncias inferiores,
106 até porque a legislação é específica. Se sente incomodada, pois a ETESB está
107 destoando das demais áreas a sua volta. A Dra. Gislene disse que continuará
108 defendendo que o lugar da ETESB na estrutura está correto, em virtude da relação
109 matricial, pois as universidades mencionadas pela Profa. Ena são tradicionais e o
110 posicionamento proposto não é apenas ambiente de uma escola superior, uma vez
111 que, matricialmente, o ensino técnico está num alinhamento que envolve todo o
112 processo de formação e educação continuada e permanente da SES. Porque na lógica
113 desta instituição chamada de UNISUS da SES, estas áreas são atividades fim, irão
114 prestar serviços para a reitoria que tem fundamento como ponte para o funcionamento
115 de formação profissional em nível superior, de pós-graduação, de pesquisa, de ensino
116 técnico e de educação permanente. Portanto, esta estrutura não encontra referência
117 em nenhum outro local do Brasil, pois ela é completamente inovadora. A proposta não
118 retira o mérito do trabalho e, em sua opinião, o fortalecimento da ETESB está na
119 posição matricial em que foi colocada. Para o Prof. Prof. Carlos, a ETESB deveria
120 permanecer no local proposto, porque está no mesmo nível das diretorias. Concordou
121 que os demais setores estão mais relacionados ao ensino superior, contudo, tanto as
122 diretorias/coordenações quanto às pró-reitorias estão vinculadas diretamente à reitoria
123 e não tem efeito de subordinação. A Profa. Ena disse que aceitou assumir a direção da
124 ETESB com o objetivo de colaborar com o fortalecimento da Escola Técnica, suas
125 considerações foram baseadas em sua vasta experiência no assunto, disse não ter a
126 menor preocupação com a atual gestão, mas sob o ponto de vista de valorização do
127 ensino, o superior é um consenso, inclusive, por esse motivo, a ETESB está na
128 condição em que se encontra. O ensino superior sempre prevaleceu em detrimento do
129 ensino técnico. A Dra. Gislene disse que ela e todos os gestores querem o
130 fortalecimento do ensino técnico, todos querem, politicamente, a expressão social das
131 pessoas menos favorecidas que utilizam o ensino técnico para se profissionalizar.
132 Deste modo, propôs debaterem sobre qual seria o local com menos fragilidade para
133 inserção da ETESB, e que possibilite maior visibilidade pública. Destacou que o local
134 proposto para a Escola Técnica não é exclusivo de nível superior, tanto que a
135 educação continuada dos servidores está no mesmo posicionamento. Na opinião do

Colegiado de Gestão da Fepecs

Ata da 30ª Reunião Ordinária

136 Dr. Karlo, a UNISUS vai existir para o fortalecimento do SUS, qualificando em todos os
137 aspectos, separando o nível técnico do superior permanecerá a segregação de níveis
138 ao invés de promover sua integração. Para ele, o nível em que a Escola Técnica está
139 disposta é privilegiadíssimo, contará com o mesmo nível de apoio e de comando das
140 diretorias e coordenações. Ressaltou que o modelo proposto é inédito no país, o que
141 naturalmente gera certa insegurança por não ter referência, por isso, concordou com a
142 necessidade de amadurecimento do debate, lembrando que a universidade é para o
143 SUS. O Dr. Berardo disse ter dúvida se o vínculo direto da ETESB à reitoria ofereceria
144 alguma garantia. Para o Dr. Paulo, deslocar a ETESB do local proposto estaria
145 reforçando que existe uma diferença entre ensino técnico e superior. Considerou que
146 essa diferenciação é arbitrária, superficial e preconceituosa. Exemplificando, citou que
147 80% dos cursos que no Brasil possuem nível superior, na Europa têm nível técnico.
148 Para a Luzia, administrativamente falando, compreendia a preocupação da Profa. Ena,
149 pois na atual estrutura a ESCS é subordinada à Diretoria Executiva. Quando é
150 apresentada a proposta matricial, os gestores entendem o posicionamento da ETESB,
151 ocorre que as pessoas para quem a proposta será encaminhada posteriormente não
152 estão familiarizadas com uma estrutura matricial, para elas, a visibilidade da Escola
153 Técnica, considerando o histórico que possui no âmbito da SES, de fato está numa
154 subordinação. Deste modo, avaliou como necessário deixar muito claro dentro do
155 regimento à sua vinculação às pró-reitorias, pois não oferece muita clareza para
156 alguém que desconhece a gestão matricial. Ressaltou que a preocupação da Profa.
157 Ena é com o futuro, qual será a visibilidade da ETESB de acordo com a hierarquia
158 constante da proposta apresentada. Dra. Gislene advertiu que, para que exista
159 democracia, os argumentos precisam ser convincentes, portanto, o debate só poderá
160 ser finalizado quando estiver maduro os argumentos favoráveis e contrários.
161 Prosseguindo, disse que a educação permanente está sendo construída de forma
162 extremamente vinculada a um projeto de universidade, entendendo que é um
163 fortalecimento da educação permanente do SUS, na mesma lógica do ensino técnico,
164 pois passa a ter uma visibilidade por meio do projeto político da universidade, que faz
165 com que ela tenha uma grande responsabilidade política para dar resposta à parte
166 externa à Secretaria ao compor essa estrutura da universidade, referência que também
167 fazia para a ETESB. Considerando que a escolha do reitor será feita por meio de
168 eleição, esse reitor poderá ser inclusive da ETESB, se tiver como requisito a docência.
169 Antes de sair para participar de uma formatura, a Profa. Ena pediu um tempo para
170 avaliar melhor em qual local da estrutura a Escola Técnica teria maior fortalecimento
171 político. Deste modo, a discussão foi sobrestada pela Diretora Executiva, a qual
172 sugeriu que toda a equipe gestora da ETESB participasse da próxima reunião deste
173 Colegiado a fim de discutir o assunto. Após entendimentos, foi decidido que a Dra.
174 Gislene e o Prof. Carlos iriam até a ETESB para discutir com a equipe gestora da
175 Escola Técnica sobre esta questão. Após, respondendo à Profa. Ena, a Dra. Gislene
176 informou que quando forem criados novos cursos de graduação, por exemplo, será
177 criada uma diretoria de graduação. Para o Dr. Paulo, não faz sentido a graduação de
178 medicina e de enfermagem serem duas coordenações separadas, acima das
179 coordenações dos cursos deveria haver uma diretoria de graduação. O Prof. Carlos
180 explicou que por força de lei a graduação deve ter um Coordenador, pois a ideia é ter

Colegiado de Gestão da Fepecs

Ata da 30ª Reunião Ordinária

181 um diretor na coordenação do curso devido à estreita relação entre graduação e a
182 integração ensino-serviço, a fim de que o coordenador esteja no mesmo nível do diretor
183 do hospital onde estará envolvido. A Dra. Gislene disse que a ponderação do Dr.
184 Paulo tem uma coerência que foi pensada quando da elaboração dessa estrutura, pois
185 tem uma diretoria de pós-graduação e uma coordenação de graduação de medicina e
186 de enfermagem, e arcaram com esse ônus de serem incoerentes por razões técnicas e
187 políticas de maior empoderamento das duas coordenações, por serem novas e frágeis
188 em termos de funcionamento e quando não se coloca um hierárquico superior a este
189 para falar por eles, está sendo dado força diretamente às duas coordenações, no
190 sentido de facilitar, na gestão, o acesso ao poder e ao compartilhamento do poder
191 diretamente por essas duas coordenações. Esse diálogo da graduação de medicina
192 com a pró-reitoria de assuntos acadêmicos e com a pró-reitoria de integração ensino-
193 serviço-comunidade é um diálogo fundamental para se estruturar e se tornar realmente
194 viável. Porque se for colocado um diretor de graduação, ele passará a falar nesse nível
195 com o nível superior, e o que se pretende é uma interlocução direta dos atuais dois
196 cursos de graduação com as três pró-reitorias, pela própria fragilidade de ser um
197 processo muito recente historicamente. A partir da terceira graduação, provavelmente
198 em 2016, caberá essa discussão, o quanto amadureceram os cursos de enfermagem e
199 de medicina na lógica dessa discussão matricial a ponto de pensar que a partir da
200 terceira graduação possa ser transformada numa diretoria de graduação, mas nesse
201 momento, não. Quanto ao melhor posicionamento para a área de extensão, o Prof.
202 Carlos colocou que uma pós-graduação e uma extensão em qualquer instituição são
203 pró-reitoria, nessa proposta da Fepecs não são uma pró-reitoria, pois a coordenação
204 do curso não está subordinada a uma direção, ela está no mesmo nível daquilo que
205 poderia ser numa outra estrutura uma pró-reitoria. O que se pretendeu com isso foi
206 realmente buscar o fortalecimento, ou seja, é como se fosse o diretor da faculdade de
207 medicina e de enfermagem. O Dr. Berardo se reportando à fala da Profa. Ena,
208 observou, para fins de reflexão, que essa incoerência era favorável para fortalecer a
209 Escola Superior, mas a incoerência para fortalecer a ETESB estava sendo negada. O
210 Prof. Carlos não entendeu como incoerência, pois a Escola Técnica possui cursos de
211 educação profissional de nível básico, técnico e pós-técnico, não sendo possível diluí-
212 los porque são temporários. Aumentando mais um curso de graduação seria o caso de
213 repensar se deveria ou não constituir a diretoria de graduação. Justificou que sua fala
214 era pelo fortalecimento dos coordenadores dos dois cursos, não seria possível fazer o
215 mesmo com a ETESB, porque ela possui uma variação muito grande de coordenações,
216 que em 180 horas poderiam desaparecer, aparecer e desaparecer novamente, por
217 isso, ficou agrupada. Para a Dra. Gislene, o que tem que ser decidido, com
218 argumentos convincentes, é como colocar a Escola Técnica dentro dessa estrutura
219 para ela ser mais blindada politicamente e seja garantido ou venha, minimamente, a ter
220 mais condição de se desenvolver. Com esse mesmo objetivo, existem dois pontos de
221 vistas diferentes, para a Diretora Executiva a ETESB é blindada ficando no meio dos
222 outros, para a Profa. Ena essa blindagem ocorreria ficando separada dos outros.
223 Continuando, disse que quando o Dr. Berardo disse que a incoerência serve para um e
224 não para outro, é uma provocação excelente que a conduziu a avaliar o seu próprio
225 posicionamento, a incoerência de deixar a graduação no lugar em que está, no sentido

Colegiado de Gestão da Fepecs

Ata da 30ª Reunião Ordinária

226 de que precisa ser fortalecida, em sua opinião, é coerente, pois, acha que ela precisa
227 ser fortalecida, assim como o ensino técnico está sendo coerente quando defende a
228 incoerência, sem sofismar. Gostaria que a ETESB ficasse onde propôs originalmente
229 porque essa linha é fortalecida como linha. Para o Dr. Paulo, separar a Escola Técnica
230 criará cada vez mais divergência, cursos diferentes, rotina diferente, processos de
231 trabalho diferentes, se se pretende manter coerência e uniformidade precisa então ficar
232 sob a mesma direção. Além disso, para ele, a pretensão de manter o *status* de diretor
233 para que o diálogo com o serviço seja no nível de diretor para diretor, é um equívoco,
234 pois durante todo esse período que está na Coordenação do Curso de Medicina da
235 ESCS nunca teve dificuldade de diálogo com Diretor de Hospital, apesar dele ser um
236 Coordenador. Continuando, questionou, considerando que há previsão de criação do
237 terceiro curso de graduação, por que não poderia criar, desde já, a diretoria de
238 graduação, uma vez que quanto mais enxuta for a estrutura mais fácil será sua
239 compreensão e aprovação. Em sua opinião, deveriam ter apenas três diretorias: de
240 graduação, de pós-graduação e de ensino técnico, ficaria muito mais claro para todos,
241 seria coerente e lógico. A Luzia concordou com o Dr. Paulo no sentido de criar, nesse
242 momento, as diretorias. Lembrou-se da dificuldade enfrentada para criar a estrutura do
243 Curso de Graduação em Enfermagem, com o curso já em funcionamento. A Dra.
244 Gislene ressaltou sobre a importância de se encontrar argumentação adequada para
245 defender os pontos de vista em outras instâncias, onde o argumento da
246 economicidade, por exemplo, irá surgir. Disse que se na proposta os dois cursos
247 caminham separados e foram se formando de modo diferente, foi porque não havia um
248 olhar superior que conseguisse ao longo desses quatro anos de existência do segundo
249 curso, monitorar, acompanhar e ver o que estava acontecendo com o distanciamento
250 do processo curricular dos dois cursos. Na proposta tem dois pró-reitores quer seja no
251 âmbito do currículo especificamente conteúdo e método em assuntos acadêmicos, seja
252 no âmbito do processo também diferenciado que exige dos dois cursos em relação à
253 integração ensino-serviço, esses dois pró-reitores absolutamente são os responsáveis
254 pela padronização do que for possível ser padronizado, do que venha ser vivido pela
255 medicina e pela enfermagem. Portanto, a revisão dos dois currículos, em sua opinião,
256 essa reforma curricular que passou os primeiros onze anos da medicina e quatro anos
257 da enfermagem, são processos que precisam ser coordenados por esses dois pró-
258 reitores, o que não implica que um diretor de graduação teria essa responsabilidade
259 diretamente. A outra questão política que não poderia deixar de falar era a
260 sobreposição da medicina sobre a enfermagem, falaria em nome do que é defendido
261 no SUS de uma visão de que, politicamente, a categoria médica historicamente é muito
262 poderosa e a diretoria de graduação sendo a referência para o curso de medicina, de
263 enfermagem e de outros que ainda serão criados, essa tendência é que até que seja
264 desenvolvida uma lógica de política institucional onde se aprenda a viver o processo
265 mais compartilhado do poder, essa estrutura só tem como vingar, na lógica que a gente
266 entende, se ela for se mantendo. Disse que defende a separação das duas
267 graduações, porque considera que o Curso de Enfermagem com quatro anos de
268 existência, ainda é muito frágil para se subordinar a uma diretoria que provavelmente
269 será hermética, na luta do poder político instituído na história da saúde do país. É
270 nesse sentido que também, na mesma lógica dos cursos da ETESB, fez com relação

Colegiado de Gestão da Fepecs

Ata da 30ª Reunião Ordinária

271 ao Curso de Enfermagem. Acredita que nessa linha, inferior e superior, esse grupo
272 consiga se fortalecer coletivamente, por isso, defendia a separação. O Prof. Carlos
273 disse que o que acontece no Curso de Medicina da ESCS estava sendo traduzido por
274 meio de uma estrutura organizacional, qual seja, os Cursos de Medicina e de
275 Enfermagem se relacionam de maneira acadêmica na integração ensino-serviço e de
276 maneira administrativa, não foi colocada uma pró-reitoria de pesquisa, de extensão e
277 de pós-graduação, porque essa forma que está sendo começada é uma estrutura
278 organizacional moderna. Por que não fortalecer junto a eles com a diretoria,
279 questionou. Porque quando as coordenações de cursos são colocadas neste patamar
280 está sendo dado poder às coordenações, empoderando aquilo que é o coração de todo
281 este desenvolvimento. Continuando, o Prof. Prof. Carlos disse que se o Dr. Paulo não
282 teve problemas na relação com os Diretores de Hospitais, ele, particularmente, tem
283 dificuldade, mas certamente com uma estrutura hierárquica como essa tal dificuldade
284 não ocorrerá porque é uma estrutura que equipara o Coordenador de Curso ao Diretor
285 de Hospital dentro da SES. Se estava dizendo que com o aumento do quantitativo de
286 cursos de graduação será possível pensar se deve de fato ter ou não uma diretoria de
287 graduação, era com pesar que estava dizendo, não que estivesse esperando que deva
288 colocar o diretor e submeter a graduação, pois concordava literalmente com a fala da
289 Dra. Gislene sobre a necessidade de empoderar aqueles que ainda não têm o
290 reconhecimento social. Se reportando à Luzia disse que não estavam tendo apenas o
291 olhar de administrador, mas o olhar do novo administrador, talvez seja essa a
292 dificuldade de compreensão. Trata-se de um trabalho inédito, em que ainda está
293 sendo aprendido como fazê-lo. Tem certeza de que quando a Publix analisar esta
294 proposta e forem colaborar com o trabalho, ficarão surpresos com o avanço alcançado,
295 pois em nível de organização deve existir apenas duas instituições públicas que
296 trabalham dessa forma. A Fepecs é mais uma instituição que está se propondo a
297 adotar esse modelo extremamente inovador, no caso, o fortalecimento é político.
298 Finalizando a fala, ressaltou que, em sua opinião, a separação da graduação é
299 estratégica. Para o Dr. Karlo, o debate é muito interessante e precisa ser mais
300 aprofundado com relação a três aspectos: político, administrativo e econômico, e
301 acadêmico e pedagógico, assim, considerou necessário aprofundar mais esse debate.
302 A Leonora disse entender que estava sendo feita a tentativa de avançar para uma
303 estrutura onde as distâncias serão reduzidas e se fosse criada a direção de graduação
304 voltaria a aumentar a linha de subordinação. Também se preocupava com a separação
305 das graduações de medicina e de enfermagem, mas para ela, caberá à pró-reitoria
306 unificar, por exemplo, as demandas das graduações. Se for uma universidade, as
307 diretorias poderiam passar a ser faculdade de enfermagem e faculdade de medicina,
308 pois concorda com a unidade, mas considera um aumento da linha de comando. A
309 Dra. Gislene comentou que em qualquer universidade tradicional, o chão da fábrica,
310 que é a graduação, é muito desvalorizada, o que valoriza o professor é se ele for da
311 pós-graduação e um pesquisador. Os professores da base da carreira são obrigados a
312 trabalhar na graduação, que é o desprestígio da academia tradicional. Nessa lógica,
313 quando são colocadas duas graduações num alinhamento com a própria diretoria de
314 pós-graduação, a graduação está sendo empoderada de forma diferente das demais
315 universidades. Conforme dito anteriormente pelo Prof. Carlos, quando for criado o

Colegiado de Gestão da Fepecs

Ata da 30ª Reunião Ordinária

316 próximo curso de graduação, devido ao peso econômico, talvez seja de fato necessário
317 passar a pensar em criar uma diretoria de graduação. Mas ela também, assim como o
318 Prof. Carlos, faria isso com muito pesar, porque, politicamente, ela considera melhor
319 que na linha as caixinhas dos cursos fiquem separadas, de forma a demonstrar
320 claramente o peso que atribui nessa história em termos de uma universidade que
321 assume a responsabilidade de cumprir as diretrizes curriculares nacionais e quer que a
322 formação desse profissional seja a mais adequada às necessidades da sociedade,
323 muito mais que as necessidades do mercado que estão postas pelas universidades
324 tradicionais. Para ela, o empoderamento da graduação até significaria ter uma linha
325 com um número ilimitado de graduações, embora isso chegue ao ponto do ridículo, do
326 inconsequente e do irresponsável, por isso, a partir da terceira graduação acha ser
327 necessário pensar sobre isso, mas não pensaria sobre isso, nesse momento.
328 Mencionando a fala da Leonora, a Dra. Gislene disse ter ficado em dúvida se seria
329 possível ter diretor da faculdade de medicina e faculdade de enfermagem. A Ana
330 Cristina concordou com os pontos de vista do Prof. Carlos e da Dra. Gislene, pois cada
331 gestor estava procurando se proteger de gestões futuras, por isso, era necessário
332 pensar dessa forma. Também concordou que numa visão de futuro de uma
333 universidade que terá várias gestões, a graduação em enfermagem e a graduação em
334 medicina devem, nesse momento, permanecer separadas, a fim de possibilitar maior
335 entendimento nesse processo. Numa visão matricial, a forma como a estrutura estava
336 disposta possibilitará maior imparcialidade. Para o Dr. Karlo, o viés administrativo não
337 pode se sobrepor a criação de uma diretoria de graduação, do ponto de vista
338 administrativo, seria mais lógica, todavia existem outros fatores envolvidos, questionou
339 se o fator administrativo seria, de fato, superior aos demais. A Dra. Gislene perguntou
340 se as pessoas que no início da discussão defendiam a criação da diretoria de
341 graduação consideravam suficientes os argumentos apresentados, para que elas
342 mesmas tenham condições de defender seus posicionamentos de forma convincente
343 nos debates que venham a ser feitos posteriormente, pois do contrário, esse item
344 também ficará pendente para maior amadurecimento em outra discussão, como foi
345 deixado o item relacionado à ETESB. Até porque a Dra. Dilma, enquanto Diretora da
346 ESCS que vivencia esse cotidiano, depois de ouvir os dois posicionamentos irá opinar.
347 Continuando, disse acreditar ser uma preocupação de todos tentar tornar real aquilo
348 que é considerado como o melhor para a Fepecs, mas num momento, talvez próximo,
349 dependendo dos próximos governos, tudo isso se perca, por isso, sabia ser muito claro
350 para todos os gestores, mas gostaria de reforçar que quem transforma ideias em
351 matérias são as pessoas. Então, não há garantias de que o sonho que está sendo
352 construído venha se tornar concreto nem imediatamente, quem dirá no futuro. Não há
353 garantias, o mínimo de segurança possível para que o sonho não se perca é as
354 pessoas que estão participando ou venham a participar tenham um grau de
355 mobilização social a ponto de se fazer presente com pressão para que ele não se
356 perca, ou seja, a chance de se manter dependerá do grau de capacidade de se manter
357 em movimento das pessoas que acreditam na ideia. O Dr. Paulo considerou as
358 argumentações muito sólidas, destacou como principais argumentos simplificar,
359 enxugar e tornar a estrutura mais clara. Falou que, para ele, estava tudo bem do jeito
360 que a estrutura estava sendo proposta. A Luzia disse continuar com dúvidas sobre

Colegiado de Gestão da Fepecs

Ata da 30ª Reunião Ordinária

361 esta questão, talvez em virtude de experiências vividas no âmbito da SES,
362 principalmente com relação à proposta de reforma administrativa apresentada no ano
363 de 2010, quando foi dispensado grande esforço, mas não tinha recursos financeiros
364 disponíveis e dependia de liberação política. Talvez seu posicionamento fosse devido
365 a ser esse novamente um momento político e à sua visão administrativa. Considerou
366 importante o debate e destacou que provavelmente esta era a primeira vez que outras
367 pessoas estavam sendo incluídas na discussão do que seria o melhor para a Fepecs.
368 Em sua avaliação, era necessário começar a pensar num segundo plano, para o caso
369 desta proposta não vir a ser aprovada. A Dra. Dilma colocou que apesar de estarmos
370 vivendo um momento político em que o Governador aprovará a estrutura proposta, ao
371 mesmo tempo a Fepecs não tem uma parceria com a Secretaria de Saúde, no sentido
372 de um projeto grande, porque existem gestores da SES que reclamam do custo da
373 ESCS e do quanto esta Escola compromete a assistência. Falou que no Colegiado de
374 Gestão da SES a Fepecs tem parceiros para algumas coisas e fortes adversários para
375 a maioria das questões. Portanto, mesmo que o Governador fale que a criação da
376 universidade é uma decisão política dele, isso a faz recordar da criação da ESCS, que
377 também foi uma decisão do Governador junto com o Secretário de Saúde, mas ela que
378 à época estava na assistência, pôde observar a existência de opiniões a favor e contra
379 a criação da Escola, por questões políticas e financeiras. Para ela, a proposta
380 apresentada é um projeto enorme, bonito, a ideia está correta, está de acordo com a
381 filosofia do SUS, contudo, em sua opinião, um plano alternativo precisa existir em
382 função de que a decisão é política, alguém que está no poder pode votar a favor, mas
383 não necessariamente significa que estará apoiando e no meio do processo poderemos
384 ser obrigados a reduzir tudo isso. Atualmente, com uma estrutura bem menor a
385 Fepecs é acusada, imagina a situação caso esta proposta seja aprovada. Quem olha o
386 tamanho da estrutura proposta e não tem a mesma vivência e experiência, vai se
387 assustar. Especificamente com respeito à graduação, concordou com o Dr. Paulo de
388 que da forma que se encontra é fácil de defender essa ideia, pelo menos, junto à
389 comunidade acadêmica do Curso de Medicina. O Prof. Carlos disse que desde o
390 segundo semestre de 2010 quando prestou consultoria à ESCS, período em que o
391 Prof. Mourad Ibrahim Belaciano era Diretor, houve um amadurecimento muito grande,
392 mas ainda não se descobriu qual o lugar da extensão. Antes de iniciar esta reunião
393 estava discutindo o assunto com a Dra. Gislene, como não houve consenso, o assunto
394 estava então sendo colocado para debate dos gestores. Explicou que via dois
395 movimentos na extensão, o primeiro deles é o papel que a universidade tem para com
396 a sociedade na qual está inserida. De um ponto de vista, é aquilo que só a
397 universidade faz, produzir conhecimento científico. A outra via da extensão, é o próprio
398 local onde se realiza a atividade provocar a universidade para que se organize e
399 atenda a demanda da extensão, é o trabalho. Portanto, para ele, a extensão cabe em
400 todos os lugares junto à pós-graduação, porque formação continuada no local do
401 serviço é reprodução de conhecimento, a produção do conhecimento está em outro
402 lugar, com outras ferramentas. Deste modo, avaliou que seria adequado colocar a
403 extensão junto à pós-graduação. Por outro lado, quando fala em educação
404 permanente que é um conceito muito próprio da área de saúde, é uma aproximação
405 muito grande do trabalhador com as necessidades, mesmo tendo algo de novo não

Colegiado de Gestão da Fepecs

Ata da 30ª Reunião Ordinária

406 deixa de ser reprodução de conhecimento, mas para ele, também faz sentido ter a
407 extensão junto. Se preocupava particularmente com o papel que a produção do
408 conhecimento tem junto à extensão, porque se no serviço o servidor está mergulhado
409 na reflexão do que pode, por outro lado, isso não o impede de sair do senso comum. É
410 preciso uma orientação adequada para que isso não fique reproduzindo procedimentos
411 que, por outras vezes, foi verificado que não funcionam. Enfim, não havia consenso na
412 época do Prof. Mourad, assim como não há consenso agora a respeito da extensão,
413 que em sua opinião é muito importante. A Dra. Gislene disse que a universidade que
414 está sendo construída não existe em nenhum outro lugar. Trata-se de uma
415 universidade em construção a partir da estrutura que foi sendo construída dentro da
416 ESCS fundamentalmente nestes doze anos, dentro do mundo do trabalho, então essa
417 universidade nasce no mundo do trabalho, e a extensão universitária sempre foi um
418 elemento de levar a produção da universidade para dentro da sociedade, ou seja, o
419 lugar da universidade é dentro do SUS. Então, quando se coloca a educação
420 permanente, uma expressão que ela pessoalmente não gosta, por ser uma expressão
421 que foi cunhada equivocadamente pela política de educação permanente em 2006,
422 atualmente em revisão, espera que passe a se chamar política nacional de educação
423 na saúde, porque lá dentro tem os componentes da educação, formação, pós-
424 graduação, educação continuada e educação permanente, pois educação permanente
425 *stricto sensu* é o que se aprende em reflexão do processo de trabalho no próprio local
426 de trabalho, com os colegas de trabalho. A CODEP, por exemplo, não faz educação
427 permanente, mas sim educação continuada, com a oferta de cursos para pessoas
428 interessadas em aprender a trabalhar melhor. Por isso, o equívoco da norma fez com
429 que se estruturasse, ao longo desses anos, essa expressão. Mas se a educação
430 continuada constante da proposta fosse de fato educação continuada, nas próximas
431 lâminas, cuja apresentação foi sobrestada, seria possível perceber que é feito o
432 processo de indução da educação permanente *stricto sensu* no lugar adequado, na
433 pró-reitoria de integração ensino-serviço-comunidade, que é a universidade indo ao
434 serviço para incentivar a discussão sobre o processo de trabalho. Então esse lugar
435 deveria, em sua opinião, chamar educação continuada, são os cursos de curta duração
436 que a SES oferece para os seus servidores. Prosseguindo, disse que gostaria de
437 apenas, nesse momento, levantar dúvidas que pairam sobre a pesquisa, para que
438 possam ser trazidas algumas respostas na próxima reunião. Falou que a extensão na
439 estrutura está vinculada a projetos junto à sociedade, formação de conselheiros de
440 saúde, formação de educação em saúde para a população saber cuidar da saúde, da
441 dieta etc, então a presença do estudante na nova universidade será inserida neste
442 lugar e não tem reprodução do conhecimento, é a presença dele que significa
443 extensão, como a universidade tradicional não tem esse lócus dentro do mundo do
444 trabalho, não sabemos o que fazer com esse trabalho, quais são os cursos que
445 atualmente são chamados de extensão pela pós-graduação, perguntou. Para ela, um
446 lugar para se buscar a especificidade dessa área seria verificar quais são os cursos
447 que atualmente são considerados como extensão. Vem sendo considerado como
448 extensão, por exemplo, projetos de desenvolvimento profissional para servidores da
449 SES, os quais deveriam estar na estrutura da CODEP, logo, tem duplicidade de ação
450 entre a CODEP e a Coordenação de Cursos de Pós-Graduação e Extensão-CPEX.

Colegiado de Gestão da Fepecs

Ata da 30ª Reunião Ordinária

451 Deste modo, a escola de formação é onde devem ser trabalhados todos os assuntos
452 específicos relacionados à formação na área da educação. Mas a área de
453 assistência/técnica da saúde deve ser no setor de educação permanente. Pediu ao Dr.
454 Fábio, ao Dr. Karl, ao Dr. Berardo e ao Prof. Prof. Carlos que possam entender melhor
455 o assunto, na lógica da universidade, e trazerem uma proposta na próxima sexta-feira.
456 O Prof. Carlos considerou necessário refletir que o mundo do trabalho é o mundo do
457 fazer, e a academia que é a investigação é o mundo do saber. Se se vincula
458 exclusivamente ao mundo do trabalho ocorre a reprodução, embora o mundo do
459 trabalho possa produzir essa produção jamais será considerada uma produção.
460 Defendeu que essa escola existe a partir do trabalho, que é uma categoria
461 importantíssima e indutora destas execuções no âmbito dessa universidade, mas
462 educação é um processo muito amplo para ser concebido como uma ferramenta para a
463 saúde. Quando é falado, por exemplo, educação na saúde, acaba reduzindo a
464 dimensão da educação, a parcela do trabalho pode ser uma construção/contribuição
465 para a saúde. Todavia, a educação não é ferramenta, ela é processo, está acima do
466 mundo do trabalho, ela ganha isso por si só, por ser educação. Portanto, não pode
467 servir, por ser educação, exclusivamente ao mundo do trabalho, embora o faça, ela
468 serve o mundo do trabalho, mas ela também desenvolve plenamente o sujeito. Assim
469 sendo, não interessa que o indivíduo faça o procedimento da melhor maneira se ele
470 não sabe se relacionar com o outro, porque isso não é educação. A educação, para o
471 Prof. Carlos, interessa, nesse caso, quando o sujeito souber inclusive se relacionar.
472 Para ele, esse debate é bastante complexo, com todo esse viés por trás de que, em
473 sua opinião não compartilhada, tem dentro um equívoco muito grande da redução do
474 conceito de educação. Para o Dr. Paulo, a diferenciação entre o mundo do saber e o
475 mundo do fazer, não se aplica muito na área da saúde, onde uma boa parte do saber
476 vem do fazer. Na saúde, o conhecimento é gerado a partir de ensaios clínicos, do
477 mundo do trabalho, da vivência com a pesquisa clínica. O Prof. Carlos concordou que
478 é lá mesmo que surge, mas o tratamento dado ao que surge no trabalho é que vai
479 diferenciar se se trata de uma pesquisa ou não. Se não houver uma ruptura com o
480 mundo do fazer não houve produção, pois primeiro rompe com o senso comum e
481 produz conhecimento, depois se volta para o senso comum e leva o conhecimento de
482 volta. Enfatizou que a educação não pode ficar circunscrita naquele universo. E o
483 universo do saber, que é um universo que por meios apropriados ele vai fazer o
484 tratamento daquilo que foi localizado no fazer, esse sim se separa, porque do contrário
485 não tem ciência. Esse conhecimento que se produz no mundo do fazer, esse é um
486 conhecimento, mas não é científico. Alertou para o perigo de ser pensado que, na área
487 de saúde, lá no campo é possível produzir conhecimento e que esse conhecimento é
488 suficiente, pois não é, e, por isso, ele precisa da escola, daí a importância da escola e
489 esse é o papel dela. Com o retorno da Profa. Ena à sessão, a Dra. Gislene colocando
490 ela a par, falou que estava sendo discutido sobre onde ficará a extensão, qual será o
491 papel da universidade, onde está a extensão na universidade tradicional e onde ficará a
492 extensão numa universidade inovadora, como ainda não tinha sido encontrada a
493 resposta, o assunto ficou sobrestado para a próxima reunião, com o compromisso do
494 Dr. Berardo, do Dr. Karlo, do Dr. Fábio e do Prof. Carlos trazerem uma proposta para
495 discussão dos demais gestores. Passando à lâmina da Pesquisa, Desenvolvimento

Colegiado de Gestão da Fepecs

Ata da 30ª Reunião Ordinária

496 Tecnológico e Inovação, a Diretora Executiva disse que iria somente apontar dúvidas
497 para discussão na próxima reunião, disse que estava sendo apresentadas duas
498 propostas de expressões: Gerência de Desenvolvimento e Incorporação Tecnológica
499 ou Gerência de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação. Quando o Prof. Mourad fez
500 esse desenho, em 2010, ele entendeu que é preciso ultrapassar o que hoje está
501 prescrito para a Pesquisa que é o campo apenas da produção do conhecimento e
502 caminhar para o desenvolvimento tecnológico e incorporação tecnológica. Sendo que
503 esses dois nomes foram dados por ele, em momentos diferentes. Por isso, é
504 necessário verificar, em termos da missão institucional que está por trás desta diretoria,
505 qual é o nome mais adequado, assim, pediu para o Dr. Berardo, o Dr. Karlo, o Dr.
506 Fábio e o Prof. Carlos, para também apresentarem propostas quanto à estrutura
507 organizacional da pesquisa e o que está agregado a ela. Para a Dra. Gislene, a CPEq
508 precisa melhorar sua contribuição na construção de tecnologias leves como é o caso
509 do processo de ensino-aprendizagem da ESCS, o qual precisa ser objeto de pesquisa
510 para, ao longo do tempo, se fortalecer e poder ser comercializado. Comentou que a
511 SES espera da Fepecs uma contribuição quanto à utilização do parque de apoio da
512 SES, localizado no Setor de Indústrias. O atual Secretário tem a pretensão de
513 transformá-lo em parque industrial tecnológico, qual poderia então ser a contribuição da
514 universidade, questionou. O Dr. Paulo observou que o foco estava mais direcionado
515 para a universidade do que para o serviço. Exemplificando, mencionou que na área de
516 saúde tem incorporação tecnológica todos os dias, e a saúde precisa avaliar essa
517 tecnologia, o custo-benefício e a repercussão, para tanto, foram criados os NATS. Em
518 sua avaliação, ao pensar em incorporação tecnológica é preciso pensar sobre o viés do
519 serviço. Para o Dr. Karlo, é importante ter cuidado para que a pesquisa não se
520 estruture em linhas de interesse dos pesquisadores, pois a pesquisa deve atender a
521 necessidades reais, sem deixar a perspectiva da independência da atividade científica.
522 A Dra. Gislene observou que a primeira lâmina apresentada é moderna e matricial,
523 todas as outras, porém, são absolutamente tradicionais. Finalizando, observou que
524 essa proposta será analisada pela Subsecretaria de Modernização da Secretaria de
525 Administração, a fim de verificar se procede ou não no mundo da modernização das
526 estruturas. Não havendo nada mais a ser tratado, às doze horas a reunião foi
527 encerrada. E para constar, eu, Wilma Eva Batista e Silva, matrícula nº 133.403-4,
528 lavrei a presente ata, que lida e aprovada, será assinada por mim
529 e pelos membros presentes.

Gislene Regina de Sousa Capitani – *Coordenadora*

Ana Cristina Lopes – *Membro/CAO*

Anderson Cardoso de Araújo – *Membro/PROJUR*

Berardo Augusto Nunan – *Membro/CODEP*

Carlos Augusto de Medeiros – *Membro/ASPE*

Ena de Araújo Galvão – *Membro/ETESB*

Fábio Ferreira Amorim – *Membro/CPEx*

Karlo Jozefo Quadros de Almeida – *Membro/CPEq*

Leonora de Araújo Pinto Teixeira – *Membro/CCE*

Lidiane Maia dos Santos – *Membro/BCE*

Luzia Helena Gomes de Sousa – *Membro/Chefe de Gabinete*

Maria Dilma Alves Teodoro – *Membro/ESCS*

Paulo Roberto Silva – *Membro/CCM*

Convidada:

Olímpia de Lourdes Campos Vidigal